



Ac



# Ossadia

Sua atitude carinhosa provocou  
uma obsessão mortal

POR PETER PERL

**A** TÉ O FIM, Alan Chmurny insistiu que só queria ser amigo de Marta Bradley. Jurou, ao longo dos quatro anos em que foi acusado de crimes cada vez mais graves, que jamais havia constrangido a colega de trabalho.

Na verdade, contestava ele, fora ela que o assediara sexualmente. Por ser generoso, franco e dono de peculiar senso de humor, havia sido mal interpretado. E, de fato, Chmurny era tão convincente que até ele acabou acreditando nessa verdade adulterada.

Alan Chmurny era um brilhante químico orgânico que tinha acumulado cerca de 15 patentes em seu nome. Ele e



a mulher, Gwen, também química, casados havia 35 anos, levavam uma vida aparentemente normal e bem-sucedida, em uma bela propriedade arborizada em Frederick, Maryland.

Chmurny sempre impressionara a todos com seu intelecto e conduta. Ocupara posições de destaque nas indústrias química e farmacêutica antes de ir para a Oceanix Biosciences Corp., em Hanover, Maryland. Foi lá que conheceu Marta Bradley.

Aos 28 anos, praticamente da mesma idade da filha de Chmurny, Marta era uma talentosa instrumentista. Tocava contrabaixo em orquestras sinfônicas, mas, como precisava da segurança de um emprego estável, foi trabalhar na área administrativa da Oceanix.

Alegre, otimista e voluptuosa, Marta era casada havia quase cinco anos com Scot, um trompetista de jazz. Moravam em uma pequena casa com seus dois cães e planejavam ter filhos.

Em geral, os 35 empregados da Oceanix formavam um grupo muito unido. Marta e Jean Lancaster, gerente de laboratório, conversavam e brincavam muito com Chmurny.

“No início, ele era o tipo de pessoa com quem se podia brincar”, lembra Marta. Com o passar do tempo, entretanto, Chmurny tornou-se deprimido e começou a falar de seus pro-

blemas, que pareciam só aumentar. Ele explorou a solidariedade de Marta quando os médicos lhe disseram que tinha câncer no estômago e, em outra ocasião, quando ficou convencido de que a mulher o traía. Mas, em poucas semanas, Chmurny pareceu radiante. Os médicos, contou ele, haviam se equivocado sobre o câncer. E, melhor ainda, tinha conhecido uma jovem maravilhosa chamada Debbie e estava apaixonado.



**Durante todo o processo, Alan Chmurny jurou que era ele a vítima.**

Pouco tempo depois, a fotografia de uma sorridente Marta na festa de Natal do escritório desapareceu do quadro de avisos. Quando ela resolveu perguntar se Chmurny sabia que fim levava a foto, ele hesitou e depois comentou: “Pois é, eu ia pegá-la para mostrar a Debbie, mas a foto sumiu.”

Mesmo sem saber por quê, Marta achava que Chmurny havia apanhado a foto. Mais preocupante ainda: tinha uma vaga sensação de que não existia nenhuma Debbie, que Chmurny a havia inventado.

Em junho de 1996, Chmurny ligou para Marta no escritório. “Ele me avisou que não ia trabalhar. E completou: ‘Debbie morreu ontem à noite, em um acidente de carro.’ Ele estava gritando ao telefone.”

Um dia Chmurny disse a Marta que o câncer voltara e que precisava fazer um exame na Clínica Mayo.



- Talvez eu nunca mais a veja - disse ele. - Você é como uma filha para mim. Quero que fique com isto.

E entregou-lhe um deslumbrante par de brincos de brilhantes.

- Não posso aceitar - ela recusou.

Mas Chmurny insistiu.

- E, por favor, não comente com ninguém sobre o câncer - pediu ele.

- Não contei para minha mulher nem para minha filha. Não quero apavorá-las.

"Eu acreditei que ele estivesse morrendo", recorda Marta.

Ela confidenciou a conversa a Jean Lancaster, que ligou para a Clínica Mayo. Chmurny não estava lá. Dias depois, quando Chmurny telefonou, Marta contou que Jean tentara localizá-lo. "Ele ficou muito esquisito, dizendo: 'Ah, ela não devia ter feito isso.'" Na semana seguinte, ligou para Marta com as boas-novas: não tinha mesmo câncer. Mais uma vez os médicos haviam se enganado.

**A**S DÚVIDAS de Marta quanto à estabilidade emocional de Chmurny foram confirmadas pelo caso dos ovos recheados. Uma colega de escritório chamada Kim era famosa pelos ovos que trazia para as festas do escritório, mas Chmurny insistiu que os seus eram melhores e organizou um teste de sabor. Os dele, que tinham a mistura da gema moldada com saco de confeitaria e eram cobertos com caviar, venceram.

Kim brincou que nunca mais traria seus ovos recheados. Marta dis-

se: "Por favor, traga, sim! Achei os dele horríveis. Onde já se viu pôr caviar em ovos recheados?"

Chmurny ficou sem falar com ela durante dias. Quando Marta foi à sua sala, ele reclamou: "Fiquei aborrecido com suas palavras mesquinhas e ofensivas." Puxou um lenço e chorou. Nessa hora Marta pensou: *Tem algo muito errado aqui.*

Marta partilhou suas preocupações com o marido e com Jean. Ambos a aconselharam a não se preocupar demais: Alan é apenas esquisito e imaturo. Mantenha-se afastada, isso vai passar.

NUM DIA de março de 1997, Chmurny fez um estardalhaço, dizendo que o pneu dianteiro direito do carro de Marta estava baixo. Ela argumentou que os pneus eram praticamente novos e que às vezes davam aquela impressão. Mas, como Chmurny insistiu, pediu ao marido que desse uma olhada. Não havia problema.

Naquele domingo, quando Marta saiu de um concerto, encontrou o pneu vazio. O dianteiro direito. Um policial a ajudou a colocar o estepe e Scot examinou o pneu murcho. Como não havia nada de errado, ele foi recolocado no carro. Mas o mesmo pneu apareceu vazio novamente - e depois mais uma vez.

Quando Scot retornou pela terceira vez à revendedora de pneus, eles lhe disseram: "Alguém está esvaziando seu pneu."

No trabalho, Marta comentou sobre o pneu vazio. "Alan veio corren-



do de sua sala e disse: 'Foi o dianteiro direito, não foi? Eu disse que ele ia esvaziar.' Naquele instante eu soube. Não havia como provar, mas sabia que era ele."

**M**ARTA VIAJAVA muito pela região para participar de concertos. Chmurny quis saber de uma amiga de Marta se ela passaria o fim de semana em Filadélfia. "Estou preocupado", comentou ele. "Alguém está perseguindo Marta."

Naquele fim de semana, quando voltou para casa, ela encontrou a porta do *closet* fora dos trilhos. Grande parte de suas roupas íntimas havia desaparecido, além de uma única jóia: os brincos de brilhante dados por Chmurny. A polícia disse que não havia provas para acusá-lo.

Os Bradleys trocaram as fechaduras da casa alugada por fechaduras com cilindro de pressão. Ao voltar de uma série de apresentações musicais, descobriram que todas as fechaduras haviam sido obstruídas. A mensagem era clara: *Se eu não consigo entrar, vocês também não.*

Na segunda-feira, Chmurny jogou um envelope com mil dólares na mesa de Marta. "Faça algo para proteger sua casa", disse. Marta recusou o dinheiro e ele saiu furioso. Um amigo psicólogo avisou a ela que aquele comportamento parecia ameaçador; ele poderia estar dizendo que planejava lhe fazer mal.

Scot Bradley tentara manter a calma até então, mas por fim ligou para

Chmurny. "Fique longe da minha casa. Fique longe da minha mulher", advertiu.

Na manhã seguinte, Marta encontrou Chmurny ruborizado e trêmulo. "Tome", disse ele, empurrando-lhe um envelope pardo. "Estava na minha caixa de correio. Acho que isto lhe pertence."

Dentro, havia três de seus sutiãs, os brincos e um bilhete. Letras recortadas de jornais diziam: "Ainda não terminei com você."

Imediatamente, ela chamou a polícia. Chmurny foi detido e acusado de roubo qualificado, furto e assédio. Mas, como ninguém conseguiu desmentir sua alegação de que encontrara o envelope na caixa de correio, ele foi solto. Em seguida, foi demitido da Oceanix.

Em semanas, os Bradleys começaram a receber ligações que eram cortadas tão logo as atendiam. Marta encontrou flores em seu carro após um concerto. Alguém riscou "Eu Te Amo" na janela do motorista. O pára-brisas foi estilhaçado. Marta apresentou queixa após cada incidente, até que as autoridades reabriram o caso.

POR UM ACORDO com a promotoria, Chmurny ficou em liberdade provisória e foi obrigado a se submeter a tratamento psicológico. As acusações seriam retiradas após um ano se ele deixasse os Bradleys em paz. "Não sabíamos que ele estava tão perturbado", comentou depois a promotora Tara Harrison. "Pensa-





**As fotos tiradas no período de vigilância não eram muito nítidas, mas revelavam que Alan Chmurny estava atrás de Marta Bradley.**

mos que, com base em seu histórico e excelente reputação, a liberdade provisória e a ameaça de prisão seriam o suficiente para mudar seu comportamento. Olhando para trás, é sempre fácil identificar o erro.”

Com a ordem judicial, Scot e Marta Bradley sentiram-se mais seguros. Em 16 de julho de 1999, porém, Alan Chmurny apresentou queixa à delegacia do condado de Frederick, acusando os Bradleys de assédio e ameaças de violência por telefone.

Chmurny apresentou registros telefônicos que mostravam diversas chamadas feitas da residência dos Bradleys para sua casa entre 1 hora e 4 horas da manhã, durante semanas.

A assistente da promotoria Kirsten Daggett foi designada para o caso. Depois de se inteirar de toda a história dos Bradleys com Chmurny, Kirsten convenceu-se de que ele havia forjado as provas. As supostas ameaças telefônicas jamais apareceram na conta do casal.

Uma investigação realizada pela companhia telefônica sugeriu que as ligações haviam sido feitas por alguém usando uma extensão puxada da caixa de telefone no lado de fora da casa dos Bradleys.

“Era assustador”, disse Kirsten, “e muito engenhoso.” As acusações contra os Bradleys foram arquivadas.

Àquela altura, o casal havia se



mudado e direcionado a correspondência para uma caixa postal. Em setembro de 1999, comemoraram o nascimento da filha. “Tínhamos certeza de que ele estava à espreita”, conta Marta, “mas, por cinco meses, não deu sinal de vida.”

Até que, em abril de 2000, ela encontrou minúsculas bolinhas prateadas espalhadas nos bancos do carro. Pensou que fossem confeitos para bolo, mas, quando as tocou, pareceram se desintegrar. Também havia vestígios no piso e perto das saídas de ar. Marta chamou a polícia.

O mercúrio líquido não é necessariamente letal. Mas, volatilizado - no

carro de Marta e chamou a polícia. A fita de vídeo, apesar da imagem granulada, mostrava um homem esguio próximo ao veículo. Os Bradleys tinham certeza de que se tratava de Chmurny. E a testemunha o identificou por meio de fotografias.

A polícia prendeu Chmurny. O juiz ordenou que ele usasse no tornozelo uma pulseira eletrônica que o impedia de sair de casa. Mesmo assim, Marta levou a filha para a casa de seus pais na Flórida e ficou lá por mais de um mês. “Senti que, da próxima vez, ele viria para me matar”, recorda ela.

Os escritos de Chmurny foram en-

## A sacola no porão de Chmurny tinha fotos, chaves e mapas.

sistema de calefação de um carro, por exemplo -, pode penetrar nos pulmões e se alojar na corrente sanguínea, causando possíveis danos a órgãos ou mesmo a morte.

A companhia de seguros declarou perda total do veículo. Detetives prepararam a armadilha: deixaram o carro junto da casa e instalaram câmeras com visão noturna, para o caso de Chmurny retornar.

Em 30 de maio, o bebê de Marta acordou durante a noite. Embalando-o nos braços, ela rezava: “Por favor, faça com que isto termine. Por favor, faça com que alguém o veja.”

Pouco antes das 2 horas, um vizinho avistou alguém mexendo no

contrados em um porão desarrumado, dentro de uma sacola preta. Uma página continha uma ode de 700 palavras dedicada a Marta, sexualmente explícita, que começava assim: “Eis um enigma. Qual a diferença entre Marta Bradley e uma contrabai-xista que vai ser estuprada, castrada, ter o rosto mutilado e todos os dedos decepados? Resposta: nenhuma.”

Chmurny tinha fotos de Marta, programas de seus concertos, cópias impressas de seus *e-mails* e mapas da Internet com o caminho para sua casa. A polícia encontrou oito chaves das antigas casas dos Bradleys e de seus dois carros, além de um jogo de ferramentas para violar fechaduras.



No carro de Chmurny, policiais encontraram o que chamaram de “arma do crime”: uma garrafa com a etiqueta “Resíduos de Mercúrio”, ainda contendo restos da substância.

DEPOIS DE sete dias de testemunhos, os jurados – oito homens e quatro mulheres – reuniram-se por mais de quatro horas. Por fim, logo após as 17 horas, retornaram em fila à sala de audiência. Diante de Chmurny, o veredicto foi pronunciado: culpado de agressão, constrangimento ilegal e assédio.

A expressão impassível do réu não se alterou. Ele abriu a pasta e tirou algo. Quando os jurados se retiravam, ele girou sua cadeira e disse à mulher e à filha: “Adeus. Amo vocês.”

Então Chmurny tomou um gole de água e engoliu algo.

– O que é isso? – perguntou seu advogado, Dino E. Flores Jr.

– Cianureto – respondeu o réu. – Estou morto.

O cianureto é um dos venenos de ação mais rápida que se conhece. No estômago, transforma-se em gás cianídrico, a substância utilizada nas câmaras de gás. Bloqueia o fluxo de oxigênio no organismo, provocando asfixia.

Em minutos, os olhos de Chmurny reviraram e ele entrou em convulsão. Foi declarado morto 18 horas depois.

ASSIM COMO um cristal lapidado voltado para a luz, a personalidade enigmática de Chmurny exibia suas diversas facetas dependendo de como as circunstâncias da vida o atingiam. Profissionalmente, ele se distinguira, sem dúvida. Mas o lado pessoal era outra história.

No início de sua vida e em seu mundo de pesquisas laboratoriais, Alan Chmurny tivera pouco contato com mulheres, em particular no ambiente de trabalho, onde a linha entre amizade e flerte pode ser bastante nebulosa. “Ele jamais convivera com uma mulher como aquela, e acho que ela o fez perder a cabeça”, comentou um colega, referindo-se a Marta Bradley. “Ela não estava fazendo nada de impróprio, mas ele a interpretou mal.”

Seja qual fosse a causa de sua autodestruição, o resultado era claro, pelo menos para alguns dos jurados. “Todos nós temos um lado sombrio, e quase sempre o mantemos trancado em uma caixa”, disse um deles. “Mas acredito que ele tenha deixado o seu escapar.”

## ESTRATÉGIA FALHA

Por gostar de saborear cada palavra, meu marido é um leitor bastante lento. Cansado de minhas gozações, um dia pediu-me que pegasse um livro sobre leitura dinâmica na biblioteca. E não consegui terminá-lo no prazo de empréstimo de três semanas.